

## **A ARTE DE BIOGRAFAR: A VIDA COMO ELA PODERIA TER SIDO**

Mozahir Salomão Bruck - Doutorando PUC Minas

A proposta desta comunicação é de uma reflexão sobre a essência do trabalho de construção biográfica. No trabalho de construção da biografia, o objeto de estudo é o indivíduo, na sua singularidade. Este é o aspecto característico e marcante das narrativas biográficas – em todas as suas possibilidades de formas e suportes. Destacam-se aí a pintura, a fotografia, a literatura confessional e a biografia propriamente dita. O levantamento de histórias de vida pode ser feito com base em outras biografias, mesmo autobiografias, e, principalmente, nos mais diversos tipos de documentos e também a partir de diários, fotografias e tantas outras fontes de informação similares. Na pintura, nomes como Van Gogh, Frida Kahlo são, certamente, exemplos de que a expressão artística, “na qual o sujeito tensiona ao máximo a sua individualidade para compreender a realidade, a si mesmo e ao outro” (CHAIA, 1996), é uma contundente e inesgotável possibilidade de construção biográfica. O fascínio que envolve a criação de biografias literárias se justifique, talvez, pela natureza criativa dos procedimentos que este tipo de obra envolve, em especial, a articulação entre obra e vida, tornando infinito o exercício ficcional do texto da literatura, graças à abertura de portas que o transcendem.

Ao avaliar o significado das biografias, Miguel Chaia enfatiza que estas podem adquirir um conteúdo social paradigmático que se estabelece a partir do fenômeno de se “reviver o outro”. Chaia assinala que

“a sociedade vampiriza o indivíduo e sua vida, constituindo-os em documento que atende as necessidades de informação (parcial, completa, verdadeira ou não) do público, criando-se assim, a base permanente do mercado editorial das biografias. O leitor processa, desta forma uma segunda reescrita da vida do biografado, usurpando a experiência alheia (seja como enriquecimento individual ou até como avanço de pesquisas sociais) e facilitando o processo de compreensão do mundo: a vida do outro como possibilidade de conhecimento do real, já que ela se constitui como exemplo objetivado de vivências valorizadas e dignificadas pela sociedade ou até então por determinados grupos sociais. ” (CHAIA, 1996, p. 81).

Nesse sentido, Chaia destaca ainda que as biografias acabam sendo consumidas enquanto referências de idéias e ações, “embasando a identificação entre os indivíduos, reafirmando suas condições de humanidade. Para o autor, a vida de pessoas como Chateaubriant, Néson Rodrigues ou as memórias de Roberto Campos ganham poder de informação pela capacidade de “recuperar e controlar a história, valorizando-se a linha racional ou uma diretriz organizadora do discurso”.

Gilberto Velho destaca o importante papel das biografias na sociedade contemporânea:

“Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia, por conseguinte, é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial não mais contido, mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser medida de todas as coisas.  
(...) Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna”. (VELHO, 1994. p.100).

Pensar a narrativa biográfica, a partir da literatura, pode significar depararmo-nos com lacunas conceituais e mesmo preconceitos em relação ao tema, conforme alerta da professora Maria Helena Werneck (1996), para quem as biografias, consideradas parasitas da história, são tratadas pelos profissionais de letras e por aqueles que apreciam obras literárias como sub-gênero. Para ela, Nietzsche pode nos ajudar a iluminar essa

reflexão, tomando como base a força ativa do pensamento de artistas e pensadores, que ultrapassam os limites que a vida lhes impõe. “Se há no texto nietzscheano uma promessa de pensar saudável em relação à biografia, como transformar esse pensar saudável em modos de ler?” Um estudo da pesquisadora Ana Maria Edelweis identifica em Lejeune “a possibilidade de três pactos escriturais possíveis na ordem do literário”: o ficcional, o fantasmático e o autobiográfico (onde também está o biográfico, com a separação entre sujeito e objeto), aos quais ela acrescenta outros dois: o ensaístico e o alterbiográfico. Na análise de Lejeune, há uma relativização sobre a função referencial (base tanto para o pacto biográfico como para o ensaístico), que teria compromisso direto com o real, a verdade. Edelweis entende que a definição de Lejeune mostra-se pertinente, pois o que se poderia chamar de “verdade”, certamente estaria inserido em um modelo de expressão no mínimo dotado de linguagem, o que já seria suficiente para tal relativização. Mas ainda há as dificuldades apontadas pelo autor, que são a ideologia de quem produz, a distância entre a intenção inicial e a forma pela qual ela é recebida, e elementos externos como publicidade e tentativas de classificações de gênero, além das diversas possibilidades de leitura, seja pela crítica ou pelo leitor médio. Assim, Lejeune divide a função referencial entre os conceitos de identidade, ligada ao fato estabelecido; e semelhança, ligada à fidelidade do texto ao modelo extra-diegético e suas significações.

Para Lejeune, a biografia clássica, onde autor e personagem são pessoas diferentes, se inscreve na categoria de semelhança, que está situada em dois níveis: o da exatidão, que diz respeito à informação; e o da fidelidade, que está ligada à significação. No interior desta divisão, seriam ingênuos os biógrafos que tratassem a significação pelo

plano da exatidão, ou seja, em semelhança com a realidade extratextual, sem levar em conta que “a significação só pode ser produzida por meio de técnicas narrativas e por meio da intervenção de um sistema de explicação que implica na ideologia do historiador”. Outra reflexão pertinente à construção de uma biografia diz respeito aos meios disponíveis para a efetivação do pacto referencial. O compromisso com a realidade exterior à obra (de acordo com o paradigma da semelhança) e a submissão às chamadas provas de verdade são aspectos essenciais do discurso biográfico.

A discussão de aspectos diretamente ligados às questões do autor/escritor/narrador/vozes da narrativa presentes no texto biográfico podem oferecer contribuição importante deste tipo de narrativa. Para muitos pesquisadores, em muitas biografias, a figura do escritor substitui a do autor, a partir do momento que ele assume uma identidade mitológica, fantasmática e midiática. Esta personagem, construída tanto pelo escritor quanto pelos leitores, desempenha vários papéis de acordo com as imagens, as poses e as representações coletivas que cada época propõe aos seus intérpretes da literatura. Cada escritor, portanto, constrói sua biografia com base na rede imaginária tecida em favor de um lugar a ser ocupado na posteridade.

Certamente, a análise de obras biográficas que se apresentem como de natureza literária não pode prescindir de reflexões sobre a forma como o narrador/escritor/autor estabeleceu a construção e decidiu pela inflexão das vozes narrativas do texto que se dedica a apresentar a vida de determinada pessoa e/ou grupo. Em “O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolay Leskov”, Walter Benjamin afirma que

“a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores” e que a figura do narrador “só se torna plenamente tangível”

na presença de dois grupos: o dos viajantes e daqueles que nunca saíram de seus países e que por isso conhecem profundamente as tradições e histórias do lugar. (BENJAMIN, 1985: 198)

Essa posição proposta por Benjamin, envolvendo experiência e narração, assegura ao narrador uma condição de veracidade. Isso porque a experiência inscreve-se numa noção temporal partilhada por várias gerações de um mesmo grupo, que pressupõe um continuum de tradições, constituindo coesão e permanências.

“...o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe ouvir dizer). Seu Dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.”  
(BENJAMIN, 1985: 221)

Se as palavras de Benjamin oferecem algum tipo de indicação para a construção da biografia, na verdade, aliás, de qualquer outra narrativa, o que se percebe é que a construção de histórias e relatos sobre outras vidas insinua-se por processos, dispositivos e circunstâncias marcadamente complexos, conflituosos e difusos em sua busca e designação. O trabalho biográfico estabelece-se, enfim, a partir de operações que diretamente tocam e são tocadas por questões e aspectos fundantes da experiência e do conhecimento humano: o ético, o estético, o epistemológico, o ideológico e o psicológico. O espaço e o tempo.

Se entendermos a biografia como uma reescrita do passado, noções como memória e o próprio tempo carecem de análise mais detida. Nesse sentido, deve-se considerar a contribuição de Jacques Derrida (1995), para quem a noção de linearidade temporal deve, neste caso, ser substituída por simultaneidade. Pena (2000), citando

Derrida, lembra que no momento em que algo é lembrado, o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, “sendo, portanto, simultâneo a este presente”. Mais ainda: o que seria futuro é apenas uma especulação, podendo ser articulado apenas no discurso, o que também o tornará presente. O passado e o futuro, enfim, redimensionados e reescritos pelo presente.

O acionamento da memória, portanto, a transforma em discurso. Em versão. Ou seja, a memória não substitui ou sequer repõe o passado, apenas atesta sua ausência. O biógrafo, narrador por ofício e circunstância inescapável, é escravizado pelo jogo da linguagem, através do qual pensa dar conta desta falta. Porém, o que faz é produzir versões e, muitas vezes, como escreveu Antônio Fausto Neto (FAUSTO, 1997,p.08), “produzir novas cenas, muitas delas, certamente, tão imaginativas quanto aquelas apresentadas pelas suas fontes”. “O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer e articular-se no presente, ou melhor, na presença, onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso”, assinala Felipe Pena. No entendimento do autor, Derrida articula ausência e presença valorizando a escrita que poderá produzir uma marca para ser repetida em qualquer contexto, “sobrevivendo ao sujeito e não precisando mais de sua presença. A escrita funda outra presença e garante a repetição”.

Por isso mesmo, a escrita biográfica leva o significado sempre para a posteridade. Rompe, assim, com a idéia de linearidade temporal, explica Pena,

“já que o instante original das formulações jamais seria atingido, pois ele não estaria no passado, mas na sua reinterpretação no presente. Prevalece a idéia de simultaneidade. Prevalece a presentificação do tempo”. (PENA, 2000, p.24)

Em relação ao autor, a impressão é de que construir uma biografia é se colocar diante do outro, mas também de si mesmo. É tecer um texto a partir de uma ausência, mas com o vago patrocínio da memória, da busca incessante de provas, da intuição, pesquisa e reflexão. É, como escreveu, Jacques Derrida, conjurar fantasmas.

### **Ruy Castro: o sonho da fidelidade ao real**

“Em junho de 1968, ao olhar-se no espelho, Garrincha se via como os peixes deviam vê-lo: uma ampliação grotesca e deformada. Estava com doze quilos a mais, flácido, inchado, com bolsas empapuçadas sob o branco amarelado dos olhos. Dois vincos grossos que antes não existiam desciam agora de seu cenho e separavam o nariz e a boca do resto do rosto. O nariz também ficara mais grosso. Perdera o controle sobre a bebida - Elza tinha que viajar para fazer os shows e não podia ficar na sua marcação. Livre de vigilância, Garrincha bebia em casa nos três turnos e só saía do estupor alcoólico para fantasiar que ainda podia jogar profissionalmente”. (CASTRO, 1995, p.374)

O excerto acima abre o capítulo 18, ‘Sangue no asfalto’, do livro *Estrela solitária*, de Ruy Castro. A biografia de um dos maiores craques do futebol brasileiro tem seu texto reconhecido pela sua qualidade e força literária. A ingenuidade do menino pobre de Pau Grande, interior do Rio de Janeiro, as paixões e os dramas vividos por Garrincha que, rapidamente, caiu da ilusão da glória para o inferno da perseguição pública, por parte de grupos moralistas, e rejeição social são apresentados em um texto sensível e de bom gosto.

Autor de outras biografias importantes da literatura brasileira como *O Anjo Pornográfico* e o recém-lançado *Carmen*, Ruy Castro é considerado hoje um dos mais reconhecidos biógrafos do Brasil. Ruy Castro, no entanto, reconhece-se autor não apenas de biografias mas, como ele mesmo denomina, de “livros históricos” como coletâneas de

frases (*Mau humor*), perfis de personalidades de cinema, da música e da literatura americana (*Saudades do século 20*) e de cartas de Vinícius de Moraes( *Querido Poeta*). Das biografias escritas por Ruy Castro, *Estrela Solitária – um brasileiro chamado Garrincha*, *O Anjo Pornográfico* e, mais recentemente, *Carrmen* têm em comum, claro, - além da notoriedade e uma vida, por assim dizer, atribulada dos biografados - o fato de estes terem marcado fortemente a vida cultural/social do país.

O *Ano pornográfico*, de 1992, inaugurou a obra biográfica de Ruy Castro. Depois, seguiram-se *Estrela Solitária*, de 1995 e *Carmen*, de 2005. Os três livros obedecem a uma mesma estrutura: os capítulos seguem uma ordem cronológica, ano a ano, referente aos mais “importantes e intensos” momentos da vida do biografado. A leituras das duas primeiras obras leva-nos a perceber um texto que se estruturou bem mais a partir de um exercício literário em sua construção. Figuras, metáforas, jogos de composição lingüística - um texto, digamos, mais aberto e permissivo à sugestão, a busca de uma arquitetura da frase que também privilegie a dimensão estética e plurissignificativa. A opção, em alguns momentos, pelo predomínio da função poética da linguagem. Pode-se dizer que em *Carmen*, esses investimentos se dão em menor número, intensidade e frequência. Ao biografar a “pequena notável”, Ruy Castro parece ter optado por uma linguagem marcadamente denotativa, de um texto bem mais descritivo e de detalhamento, como neste trecho:

“No dia 05 de janeiro, Carmen e o Bando da Lua foram ao estúdio da Decca na Costa Oeste e gravaram cinco faixas: o samba-rumba “Chica chica boom chic” e a batucada “Cai cai”, ambos da trilha sonora de *Uma noite no Rio*, o samba “Alô...alô...?”, a embolada “Bambalê” e a marchinha “Arca de Noé”(...)”



(...) Por que essas regravações e peças do folclore do novo repertório de Carmen? Porque era o único jeito de fugir da marcação da Ascap, a sociedade arrecadadora americana, alertada pelas filiais do Brasil de que havia uma cantora chamada Carmen Miranda decidida a gravar música brasileira nos Estados Unidos.(CASTRO, 2005,p.297)

Este, claro, é apenas um trecho da biografia de Carmen, em que Ruy Castro opta por uma escrita que mais se aproxima do historiográfico, do jornalístico. Mas não seria exagero afirmar que esta é uma característica presente em quase toda a extensão da narrativa. Há, certamente, além do próprio jogo da linguagem, outros aspectos que revelam essa escolha pelo biógrafo de um texto mais objetivo: a linearidade temporal, a farta documentação referenciada e apresentada sobre Carmen e, ao contrário das narrativas sobre Nelson Rodrigues e Garrincha, em que Castro ocupa-se bastante em apresentar ao leitor aspectos e nuances psicológicas/emocionais dos biografados, uma clara opção por informações objetivas sobre a carreira da cantora, a partir de um importante contexto sócio-cultural: o surgimento e desenvolvimento da indústria cultural no Brasil.

Uma marca das biografias é não só a reconstituição e “reorganização” espaço-temporal da vida do biografado, mas, de alguma maneira, a tentativa de constituição de novas percepções em relação a este. Enaltecendo-se, ou nem tanto, o biografado e sua trajetória de vida, o que é oferecido ao leitor são as circunstâncias que revelam a personagem como ‘pessoa’, ‘sujeito’ e por isso mesmo, levam a explicitação de fragilidades, contradições, conflitos, amenidades, perversões etc. Ou seja, aquilo que é intrínseco e essencial na pessoa e a qualifica como ser único.

Na obra de Ruy Castro, podemos perceber uma conjugação importante na escolha dos biografados: além da relevância social que estes possuíram e, claro, possuem, na atualidade, em suas áreas de atuação, eles marcadamente tiveram uma vida pessoal conturbada, permeada por conflitos, graves sofrimentos, incompreensões, injustiças. Pode-se falar, talvez, em um reconhecimento, nesses biografados, de traços de transgressão: o “atleta do povo”, um deus do futebol e demônio de pernas tortas que driblava a todos, menos seus mais básicos instintos como o sexo e a bebida... o pornográfico e contraditoriamente moralista jornalista – ferino, genioso, quem sabe cruel, no trato e uso das palavras; a super-estrela desejada, milionária mas que, mesmo tendo sido a artista mais bem paga dos Estados Unidos no início dos anos 40, tinha como maior sonho o de tornar-se uma boa mãe e dona-de-casa. *Carmen* acabou deixando-se seduzir pelos soníferos e estimulantes, dos quais acabou tornando-se prisioneira e que tanto podem ter contribuído para o infarto fulminante que a levou à morte.

Ruy Castro ao definir a forma da escrita de *O Anjo Pornográfico* – tocado, talvez, pela própria personalidade e trajetória artística do biografado, opta pela tentativa de construção de um texto literariamente mais rico. No capítulo “Incestos bíblicos” Castro retrata, assim, a reação de Néelson Rodrigues ao tomar conhecimento de que sua tuberculose havia voltado:

“Em março de 1945, como um monstro que Néelson julgasse morto, mas que apenas se escondera atrás da árvore para pegá-lo de surpresa, a tuberculose atacou-o novamente. Ele derramou uma furtiva lágrima e, mais uma vez, sentiu que aquilo era cruel e injusto. Justamente quando o sucesso vinha redimi-lo de todas as tragédias e privações, a doença parecia insistir em puni-lo por pecados ancestrais”. (CASTRO, 1992, p. 189).

Sábato Magaldi, a quem coube comentar o livro em suas abas, atesta a qualidade e força literária do texto de Ruy Castro na biografia de Nelson Rodrigues:

“(...) Não procurou Ruy Castro parafrasear a inconfundível literatura de Nelson Rodrigues. Mas a sucessão de capítulos sugere que o espírito do dramaturgo e ficcionista baixou sobre o biógrafo, e O anjo pornográfico se torna uma autêntica autobiografia. Volume que se devora com a sofreguidão de um romance de aventuras”. (CASTRO, 1992).

Para pensar o literário na narrativa biográfica, vale também utilizarmos-nos de noções da Estética da Recepção, em que autores como Jauss, Barthes e Iser concluem que os atos de leitura e recepção pressupõem interpretações diferenciadas e atos criativos que convertem a figura do receptor em co-criador. Na teoria da recepção "nenhum texto diz apenas aquilo que desejava dizer" e "o sujeito da produção e o sujeito da recepção não são pensáveis como sujeitos isolados, mas apenas como social e culturalmente mediados, como sujeitos ‘transubjetivos’”.

Certo de si e de seu trabalho, Ruy Castro parece longe de sensibilizar-se, por um lado, com Bourdieu e dá de ombros para o alerta deste sobre a ‘ilusão biográfica’. Muito menos o incomoda o que preconizam algumas das reflexões sobre a relação contingenciada entre literatura e o leitor. Ruy Castro atesta sua convicção de que é bem possível recuperar em uma peça biográfica literária o todo de uma existência. É o que se pode apreender de uma breve crítica ao livro *Carmen*, escrita pelo próprio autor, a pedido da *Revista Trip*:

“Quando pensei em fazer a biografia de Carmen Miranda a primeira coisa que me veio à cabeça foram os cenários em que se passaria a história: o Rio dos anos 20 e 30, a Broadway dos anos 40, Hollywood dos anos 40 e 50. Pode-se querer lugares mais bonitos, mais charmosos, mais excitantes? Ao

redor de Carmen (e de sua irmã Aurora), haveria Ary Barroso, Lamartine Babo, Chico Alves, Betty Grable, Groucho Marx, Pato Donald, Zé Carioca e, claro, o Bando da Lua – alguns, em glorioso preto-e-branco; outros, em gorgear Technicolor. A trilha sonora do livro seria "Camisa Listada", "O Que é Que a Baiana Tem", "Chattanooga Choo-choo". E a ação se passaria na Rádio Mayrink Veiga, no Cassino da Urca, no Waldorf-Astoria, na Twentieth Century-Fox, no Copacabana Palace e, infelizmente, em um ou outro hospital psiquiátrico. C'est lavie.

Isso posto, fui à luta. Três anos depois, eu já tinha ido pessoalmente ao vilarejo em que ela nascera, Várzea de Ovelha, no Norte de Portugal; assistido a todos os seus 14 filmes americanos (e a outros tantos documentários sobre ou ao redor dela); ouvido (muitas vezes) seus mais de 330 discos oficiais de sambas e marchinhas; assaltado inúmeros arquivos e lido uma descomunal quantidade de material sobre ela em português, inglês e espanhol; e feito mais de mil entrevistas com cerca de 170 pessoas. O resultado foi um livro com 600 páginas de texto, num total de 1.600.000 caracteres de computador.

Modéstia à parte, acho que Carmen está toda em *Carmen – Uma Biografia*. Mas, se eu soubesse que era impossível, não teria feito. (*Revista Trip*, no. 140. Dezembro/2005)

A certeza de Castro mereceria reflexões de diversas matrizes conceituais – desde aqueles que se dedicam ao estudo da linguagem, a Filosofia e, certamente, a crítica literária. Devido à própria natureza deste artigo, no entanto, vamos nos prender a Wolfgang Iser (JAUSS, 1979,p.83), que aponta para a impossibilidade de uma representação completa do mundo pela literatura. Iser retoma Adorno, para quem “a arte de fato é o mundo outra vez, tão igual a ele, quanto dele desigual”. A despeito ainda desse ponto, deve-se levar em consideração também as características da relação texto-leitor que, independentemente, do que espera e deseja o autor, estabelece-se de maneira autônoma e efetiva na produção de sentido e conhecimento no processo de recepção do texto literário.

Iser destaca que “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura”. Para Iser, os graus de indeterminação da assimetria, da contingência (por assim dizer, as condições de interação) e o nada (*no-thing*) seriam, portanto, as formas diferentes de um vazio constitutivo, através da qual se estabelecem as relações de interação. Um vazio que é “formado e modificado pelo desequilíbrio reinante nas interações diádicas e na assimetria do texto com o leitor” (JAUSS, 1979,p.89). Ele salienta que “ a assimetria entre texto e leitor não é determinada de antemão e esta própria indeterminação introduz as múltiplas possibilidades de comunicação”.

É certo que a interação é pensada por Iser a partir de categorias da pesquisa psicanalítica a propósito da comunicação. Também é certo que a relação texto-leitor difere bastante desses mesmos modelos. Mas, como aponta Iser, no mundo social a relação interativa “deriva da contingência dos planos de conduta, i.e., impossibilidade de experimentar-se a experiência alheia e não da situação comum ou das convenções que reúnem os parceiros”. Para o autor, estas funcionam apenas como reguladores, para a interação, ‘da incontrolabilidade ou da incompreensibilidade da experiência alheia’.

Pode-se afirmar que. nas três biografias aqui citadas, Ruy Castro parece romancear, mas sem abrir mão da sua postura de patrocinador e vigilante da verossimilhança e do seu trabalho de reconstrução, pela memória, da vida de Garrincha, Nélon e Carmen, a partir de um complicado quebra-cabeças cujas peças têm a forma de depoimentos, documentos, textos do autor, fotografias, gravações, artigos e críticas de imprensa, peças teatrais etc. No caso de *O Anjo Pornográfico*, certamente tocado pela natureza e força do seu “objeto”, Ruy Castro constrói uma narrativa que está longe de

ser fria, como tanto desagradaria ao biografado, mas arrancaria reconhecimento por parte dos “idiotas da objetividade”. Tenta alimentar a imagem que quer oferecer de Nélson Rodrigues com a pujança e ousadia discursivas dignas do pornográfico e fértil anjo do teatro e das letras, até por que poderia se dizer que a pulsão de ambos em relação à escrita origina-se na mesma fonte: a de, cada um à sua maneira, narrar a vida como ela é. Ou foi. Ou melhor, como ela pode(ria) ter sido.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Ed. brasileira: São Paulo. 1985
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987
- BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CANDIDO, Antônio... { et al. }. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CASTRO, Ruy. *Carmen*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ela é carioca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- CHAIA, Miguel. Biografia: método de reescrita da vida. In HISGAIL, Fani( org.). *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996
- DOURADO, Autran. *Breve manual de estilo e romance*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Uma poética do romance*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo, Companhia as Letras, 1991.
- FREYRE, Gilberto. Biografias. *Diário de Pernambuco*. Recife, 14 dez. 1947.
- JAUSS, Hans Robert... et al. A literatura e o leitor: textos de estética e da recepção.

- Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988
- LIMA, Luis Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- \_\_\_\_\_. Teoria da Literatura em suas fontes. Vol.2. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
- SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- VILAS BOAS, Sergio. Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*. R.J. Ed. da UERJ. 1996.